

apem
NEWSLETTER
MARÇO 2026

NEWS

| Editorial

Nós por cá

- III Encontro STEAM em Vila Nova de Gaia
- DICA 2025 – Divulgar, Inovar, Colaborar, Aprender - CNE
- Formação CFAPEM:
 - Joaquim Branco dedicado ao Ritmo no Estoril
 - Novas ações de formação de Ana Leonor Pereira
 - “Objetos sonoros na música” e “A Música na infância”, com Maria João Magno
- “Curso de direção coral” e de “Técnica vocal” 2026 - Vila Franca de Xira
- VIII Jornadas SIPO Júnior 2026
- Concurso “Canção à espera de palavras”
- MEP Group – Music Education Policy Group
- Revista Portuguesa de Educação Musical
- À mesa não se canta | Erica Mandillo
- EuDaMuS 2026
- Encontro Nacional APEM 2026

| Cantar Mais

| Já conhece?

| Releituras

| Última



EDITORIAL

por Manuela Encarnação

Vemos, ouvimos e lemos, não podemos ignorar¹



No ensino geral, as aulas de Música são, para muitas crianças, o único espaço onde a escuta pode ser orientada, discutida e transformada em aprendizagem. Isso torna a seleção de repertório uma decisão pedagógica central. Voltamos ao tema da seleção do repertório e do seu impacto na escola. Não é apenas o que vamos ouvir, cantar e tocar. É o que vamos legitimar,

o que vamos normalizar e o que vamos ensinar a compreender.

Muitos professores sentem um dilema recorrente: para motivar, devemos trazer para a escola a música que os alunos gostam. A intenção é boa. Mas a pergunta decisiva não é “como manter a motivação?”, é “que tipo de relação com a música queremos construir?”. Porque uma coisa é partir do mundo musical das crianças. Outra é assumir que, para as motivar, a escola tem de reproduzir a música que já domina em casa ou entre pares, muitas vezes acompanhada por videoclipes, danças virais, tantas vezes hipersexualizadas e mensagens que as crianças ainda não têm maturidade para ler criticamente.

A American Academy of Pediatrics (AAP)² sublinha que a exposição de adolescentes a comportamentos sexuais nos media se associa a iniciação mais precoce desses comportamentos e que os conteúdos partilhados em redes podem ser percebidos como normas sociais desejáveis.³ O ponto não é demonizar estilos, artistas ou culturas.

EDITORIAL

por **Manuela Encarnação**

Vemos, ouvimos e lemos, não podemos ignorar¹



É reconhecer que hoje a música raramente chega sozinha, ou seja, traz imagem, coreografia, comentários, algoritmos, e um sistema de recompensa (*likes*, partilhas, tendências) que favorece o explícito, o sensacional e, não raras vezes, o sexualizado. Por isso, o debate já não é apenas sobre letras ‘apropriadas’ ou ‘inapropriadas’. Em plataformas como o TikTok, a música circula com coreografias, imagem,

métricas sociais e pressão de pares. Estudos recentes mostram que a hipersexualização aparece com frequência no conteúdo mais visto por menores e que os próprios jovens a reconhecem como parte do ‘funcionamento normal’ da rede, com impactos na autoestima e saúde mental.⁴

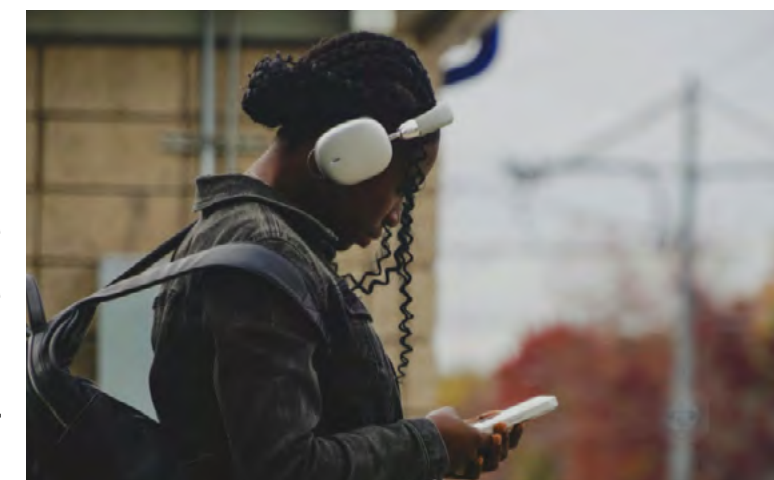
Perante isto, o papel do professor é essencial. O professor não deve ser censor. Mas é sempre um mediador cultural. E a mediação cultural na escola básica pode assentar em três movimentos simples, mas exigentes.

1) Partir do gosto dos alunos sem ficar preso a ele.

O gosto dos alunos pode ser um excelente ponto de partida para a aula: aproxima, dá confiança e revela o mundo real da turma. Mas não deve tornar-se o currículo.



A função da escola não é competir com o recreio, nem ganhar ao algoritmo. É alargar horizontes: oferecer diversidade de repertórios, experiências de escuta, criação, participação e contexto histórico-cultural. A motivação pode nascer não só do “isto é o que eu já gosto”, mas também do “eu não sabia que podia gostar disto”.



2) Trocar “dar o que gostam” por “dar ferramentas para compreender o que ouvem”.

Ainda no artigo que referimos anteriormente, a AAP recomenda literacia mediática e comunicação ativa com crianças adolescentes. Na aula de Música, isso pode ser muito concreto e não moralista. Em vez de proibir ou ridicularizar, ensinar a ler:

- O que é que a letra diz e o que sugere?
- Que imagens de corpo, relações e poder aparecem?
- O que muda quando juntamos um videoclip e uma dança?
- Que princípios e valores são premiados (e por quem)?
- O que é uma escolha estética e o que é a estratégia de mercado/indústria musical?

Esta abordagem protege a relação com os alunos porque não os coloca do lado errado, não os culpabiliza. Coloca-os no lugar certo: o de quem aprende a analisar, comparar e decidir com mais autonomia.

3) Assumir que há repertório que entra como estudo crítico e repertório que não deve entrar como prática performativa e comemorativa.

No ensino básico, esta distinção é fundamental. Uma coisa é trazer um excerto para análise (com contexto e perguntas). Outra é pôr a turma a cantar e a dançar, em contexto escolar/educativo, conteúdos e gestos que reforçam a sexualização ou estereótipos. A escola comunica princípios e valores também pelo que escolhe para apresentar e reproduzir.

EDITORIAL

por **Manuela Encarnação**

Vemos, ouvimos e lemos, não podemos ignorar¹

Por isso, é fundamental e completamente legítimo ter critérios claros de adequação etária e de finalidade artística-musical e pedagógica.

A escola pode e deve ser o lugar onde a música não é consumo, mas sim formação: escuta, pensamento, criação e cuidado. Os professores têm um papel insubstituível nesta travessia. Não para “dar” aos alunos só o que já gostam, como já referimos, mas para lhes abrir a possibilidade de gostar com mais liberdade, mais consciência e essencialmente mais mundo.

A investigação internacional mostra que a exposição precoce a música e videoclipes sexualizados pode influenciar atitudes, comportamentos, autoimagem e percepções de género nas crianças. Contudo, a resposta mais defendida pelos investigadores não é a proibição, mas sim educação crítica para os media e ampliação do universo musical das crianças.

A estética e as preferências dos professores não são alheias também ao processo de ensino e aprendizagem. O professor também tem de gostar do repertório que traz para a aula

de Música porque esse gosto é transmitido e perceptível, mesmo sem o verbalizar. E isso também não é difícil para um professor de Música, tendo em conta dois aspetos essenciais: 1) os mundos musicais que existem atualmente e que estão facilmente disponíveis, 2) a liberdade pedagógica e curricular que o professor tem e pode gerir.

Nesta realidade, a responsabilidade dos professores torna-se cada vez maior, sendo que as interações entre consciência, conhecimentos, racionalidade, sentimentos e afetos regulam a nossa vida pessoal e profissional.

E António Damásio explica-nos: *“A Mente que Sente gera continuamente Subjetividade, em paralelo com as Percepções/Reflexões/Criações e Traduções em Linguagem criadas sucessivamente pela Mente Moderna. A Consciência emerge da justaposição destes processos contínuos e simultâneos, oriundos de componentes espacialmente distintos do sistema nervoso.”*⁵

Por tudo isto, não podemos ignorar!



[1] “Cantata da paz”, poema de Sophia de Mello Breyner, musicado por Francisco Fanhais: <https://setemargens.com/cantata-da-paz-porque-nao-podemos-ignorar/>

[2] www.pediatrics.org/cgi/doi/10.1542/peds.2009-2145

[3] <https://publications.aap.org/pediatrics/article/138/5/e20162592/60321/Media-Use-in-School-Aged-Children-and-Adolescents>

[4] Encarnación Soriano-Ayala, María Bonillo Díaz & Verónica C. Cala (2022): TikTok and Child Hypersexualization: Analysis of Videos and Narratives of Minors, American Journal of Sexuality Education: <https://doi.org/10.1080/15546128.2022.2096734>

[5] Damásio, A. (2025). A Inteligência Natural & a Lógica da Consciência. Temas e Debates. Bertrand Editora, Lda. p.121

I NÓS POR CÁ



III Encontro STEAM em Vila Nova de Gaia

No dia 21 de março realizou-se o III Encontro STEAM na Escola Secundária António Sérgio. Enquadrado na abordagem STEAM, o programa centrou-se nas oportunidades de colaboração e de trabalho interdisciplinar e na exploração de estratégias baseadas na resolução de problemas e na construção de pensamento crítico, criativo e autónomo nos alunos. À semelhança das edições anteriores, o Encontro resultou da iniciativa das associações de professores das áreas da matemática, educação visual e tecnológica, expressão e comunicação visual, geometria e desenho, física e química, biologia e geologia, educação de infância e música com a participação da APEM.

Foram desenvolvidos workshops dedicados ao cruzamento de várias áreas curriculares, um deles dedicado à relação entre a música e a matemática - Música com Números, dinamizado por Manuela Encarnação e Liliana Eira.

Foi também apresentado por Sofia Reis, um excerto gravado da ópera *The Life of 4 Bananas* representado por alunos do Curso de Música Silva Monteiro que integrou o [projeto FASE](#) no âmbito do programa Erasmus, coordenado pelo professor Hugo Simões, e um bom exemplo de um projeto STEAM em ação.

O Professor Carvalho Rodrigues foi o conferencista convidado que, com ciência, arte e humor desenvolveu a sua ideia da “Recôndita harmonia” da vida.



NÓS POR CÁ

DICA 2025 – Divulgar, Inovar, Colaborar, Aprender - CNE

Já está disponível a edição de 2025 da **DICA – Divulgação de Iniciativas e Casos de Aprendizagem**, publicação do Conselho Nacional de Educação dedicada à partilha de experiências pedagógicas inovadoras em contexto educativo. A publicação reúne projetos desenvolvidos em diferentes escolas e áreas disciplinares, evidenciando práticas que promovem a qualidade das aprendizagens e a inovação pedagógica.

A APEM tem dois representantes nesta edição, que aqui divulgam projetos inovadores que ilustram o papel da música na promoção da criatividade, da colaboração e da inclusão em contexto escolar.

O texto “**Cantar os Açores pela voz das crianças**”, da autoria de Carlos Costa e Luísa Matos, apresenta uma experiência pedagógica desenvolvida no âmbito do projeto **Cantar Mais**, através do concurso “*Canção à espera de palavras*”. A iniciativa promoveu a articulação entre as áreas da música e do português, estimulando simultaneamente a criatividade musical e a escrita em língua portuguesa, num trabalho colaborativo entre docentes e alunos que valoriza a inovação pedagógica e a melhoria das aprendizagens.

O artigo “**Da sala de aula para o palco: aprendizagem colaborativa em bandas pop em contexto escolar**” é assinado por Pedro Zagalo, que contou com a colaboração de Lina Trindade Santos. O artigo descreve o projeto **Bandas Pop em sala de aula**, desenvolvido no Agrupamento de Escolas de Montemor-o-Novo, que utiliza repertório de

música pop para promover práticas pedagógicas colaborativas e inclusivas. Entre os seus aspetos mais relevantes destaca-se o subprojeto **Inclusivamente**, dirigido a alunos acompanhados pela Educação Especial, evidenciando benefícios no desenvolvimento afetivo e emocional, no fortalecimento das relações com a comunidade escolar e na promoção da integração e inclusão através da experiência musical.

Pode aceder à publicação:

AQUI



INÓS POR CÁ

Formação CFAPEM

O CFAPEM continua a dinamizar a sua agenda de formação para 2026 com um conjunto diversificado de propostas dirigidas aos diferentes contextos do ensino da música.

Entre cursos creditados, ações de formação de curta duração e iniciativas online, a programação procura apoiar o desenvolvimento profissional dos professores e estimular a reflexão sobre práticas pedagógicas atuais.

Inscrições e informações aqui:

AQUI

Joaquim Branco dedicado ao Ritmo no Estoril

Joaquim Branco esteve no Estoril, na Casa Verdades Faria – Museu da Música Portuguesa, com a sua ação de formação de curta duração de 6 horas *Ritmo: elementos de cognição, prática e implicações pedagógicas*. A ação teve lugar no dia 28 de fevereiro e resultou de uma parceria com a Câmara Municipal de Cascais, que cedeu as instalações.





Prática vocal e movimento
Ana Leonor Pereira

20 de abril a 12 de maio
ONLINE | 12,5 horas
Creditada para os grupos 150, 250

Movimento e prática instrumental
Ana Leonor Pereira

20 de abril a 12 de maio
ONLINE | 12,5 horas
* Creditada para os grupos 610, M01 a M25

NÓS POR CÁ

Formação CFAPEM: Novas ações de formação de Ana Leonor Pereira

Ana Leonor Pereira traz-nos duas novas ações de formação dedicadas à prática musical e ao movimento: “Movimento e prática instrumental”, destinada aos grupos 610 e M01 a M25 e “Prática vocal e movimento”, para os grupos 110, 150 e 250.

Ambas com a duração de 12,5 horas, as ações têm como foco a importância da consciência do movimento corporal na execução vocal e instrumental.

As duas ações vão decorrer em simultâneo, permitindo assim colocar em contacto professores dos diversos grupos de recrutamento do ensino da música.

Mais informações e inscrições:

AQUI

NÓS POR CÁ

Formação CFAPEM: “Objetos sonoros na música” e “A Música na infância”, com Maria João Magno

São mais duas ações de formação a decorrer em simultâneo, promovendo a interação e articulação os diferentes grupos de recrutamento do ensino da música. Estas são duas ações de formação de 25 horas, da formadora Maria João Magno, que abordam as questões da exploração tímbrica dos materiais aliada às preocupações com a sustentabilidade.

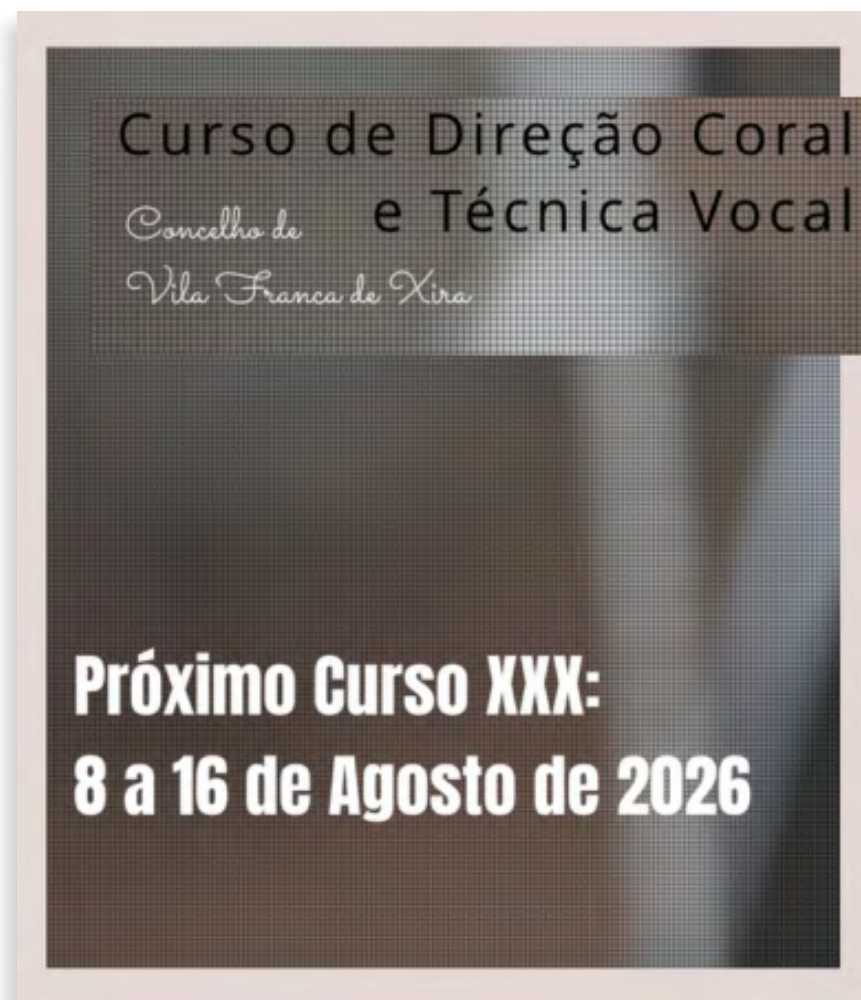
Inscrições e informações:

AQUI



MÚSICA NA INFÂNCIA
Objetos sonoros e sustentabilidade
na prática pedagógica
MARIA JOÃO MAGNO
20 de abril a 9 de junho de 2026
25 horas | Online
GR 100, 120, 150 e 910

OBJETOS SONOROS NA MÚSICA
Práticas pedagógicas
e sustentabilidade
MARIA JOÃO MAGNO
20 de abril a 9 de junho de 2026
25 horas | Online
GR 250, 610, M01 a M32



NÓS POR CÁ

Curso de direção coral e de Técnica vocal 2026 Vila Franca de Xira

Já tem data marcada e inscrições abertas os próximos cursos de Direção Coral e de Técnica vocal, que têm lugar anualmente no verão, no Palácio do Sobralinho, em Vila Franca de Xira. Os cursos decorrerão entre 8 e 16 de agosto de 2026.

Estes cursos estão creditados como cursos de formação, podendo os sócios APEM beneficiar de um desconto no valor da inscrição.

Todas as informações e inscrições:

AQUI

VIII Jornadas SIPO Júnior 2026

Outro evento organizado anualmente são as Jornadas SIPO Júnior. Este ano, o evento está marcado para os dias 6 a 9 de abril, como sempre em Óbidos, no Auditório Municipal. As inscrições estão abertas até 29 de março.

Todas as informações e inscrições:

AQUI

6º Concurso de Escrita para Canções



NÓS POR CÁ

Concurso “Canção à espera de palavras”

Já estão a chegar letras para a canção que a Celina da Piedade compôs para a 6ª edição do Concurso “Canção à espera de palavras”.

Tem dúvidas ou questões a colocar? Veja:

AQUI

Questões frequentes:

Qual o prazo limite para a participação no concurso?

O prazo limite é até ao final do dia 24 de abril de 2026.

Existem alguns materiais de apoio ao professor para a interpretação da canção com os alunos?

Sim, os recursos de apoio ao professor encontram-se na plataforma Cantar Mais em <https://www.cantarmais.pt/pt/cancoes/autor/cancao/cancao-a-espera-de-palavras-celina-da-piedade/>.

Até à entrega das gravações é necessário fazer algum procedimento?

Não, a submissão dos materiais obrigatórios (Letra da canção e registo vídeo) deverão ser feitos num só momento no formulário de inscrição, presente nesta página, até ao final do dia 24 de abril de 2026.

Sou professor numa Escola Portuguesa no Estrangeiro posso participar?

Não. Podem candidatar-se apenas as escolas localizadas em Portugal Continental e Regiões Autónomas.

Podem participar turmas do ensino especializado da música?

Sim, desde que integrem turmas dos anos letivos das categorias a concurso.

Sou professor de várias turmas do 2º Ciclo. Posso juntar as minhas turmas e concorrer com apenas uma só letra?

Não. Pode participar com todas as turmas, mas cada turma deverá criar a sua própria letra e constituir-se como uma candidatura.

Sou professor de uma escola privada, posso participar com as minhas turmas no concurso?

Sim, nos termos do regulamento.

Público na escola



NÓS POR CÁ

MEP Group – Music Education Policy Group

A APEM, como membro ativo do MEP Group divulga regularmente as atividades que se realizam e as atualizações que estão a ser feitas no âmbito deste grupo.

No próximo dia 26 de março irá realizar-se uma sessão online – [Thursday Talk](#) – para apresentação do panorama das iniciativas atuais e emergentes em matéria de políticas de educação musical em vários países e regiões, conforme relatado pelos membros do Grupo MEP.

Foi criado recentemente o [Grupo de Trabalho sobre Tecnologia na educação musical](#) como um fórum de diálogo entre decisores políticos e atores chave do ecossistema da música digital, incluindo desenvolvedores (developers) de tecnologia musical, inovadores em IA, fornecedores de software e plataformas de streaming de música digital, abordando o impacto crescente da tecnologia nos sistemas de educação musical. Em consonância com o [Pacto Global para a Educação Musical](#), o grupo de trabalho irá acompanhar a evolução, avaliar oportunidades e riscos e formular recomendações estratégicas para apoiar o acesso equitativo, a inovação responsável e a elaboração de políticas baseadas em valores num ambiente de aprendizagem cada vez mais digital.





NÓS POR CÁ

Revista Portuguesa de Educação Musical

Depois de publicado o nº 151 da Revista Portuguesa de Educação Musical (RPEM), reforçamos a [chamada de artigos](#) para o próximo número. As [submissões](#) encontram-se abertas em permanência. Para publicação no número 152/2026, os artigos deverão ser submetidos até outubro de 2026 de forma a poder-se garantir todo o processo de revisão.

E este mês já foi publicado [um artigo](#) da autoria de M. Belén López-Casanova, Icíar Nadal-García, Borja Juan-Morera com o título *O Coro Inclusivo Cantatutti – Um modelo de inovação educacional e social através da música*.

Mais informações:

[AQUI](#)

NÓS POR CÁ

À mesa não se canta | Erica Mandillo

Este mês, o podcast da APEM *À mesa não se canta* recebeu Erica Mandillo, fundadora e diretora artística do Coro Infantil da Universidade de Lisboa, com uma abordagem diferenciada que inclui a associação de movimento e gesto teatral à prática coral. Nascida e crescida rodeada de música, Erica licenciou-se em Biologia e fez um Mestrado em Biofísica ao mesmo tempo que realizava o curso de Canto no Conservatório Nacional de Lisboa. Deixando para trás a sua atividade científica, dedicou-se inteiramente a uma carreira artística. Fez parte do Coro Gulbenkian, do Coro do Teatro Nacional de São Carlos e fundou e dirigiu diversos projetos corais.

Para ver e ouvir nas plataformas habituais e

AQUI





NÓS POR CÁ

EuDaMuS 2026

A música nas escolas voltou a ser celebrada por toda a Europa. A European Association for Music in Schools (EAS) promoveu, uma vez mais, o EuDaMuS – Dia Europeu da Música nas Escolas.

A edição de 2026 foi assinalada ao longo do ano com diversas iniciativas, incluindo intercâmbios musicais, partilha de vídeos de performances e apresentações das salas de música das escolas. No dia 11 de março de 2026, realizou-se um evento de celebração online, com transmissão em direto via Zoom, destinado a todas as escolas, professores, alunos e famílias inscritas.

A participação portuguesa voltou a destacar-se, com o envio de 59 vídeos provenientes de 48 escolas e agrupamentos de todo o país, bem como de escolas portuguesas em Angola. No total, participaram cerca de 5935 alunos nas atividades musicais submetidas.

Para o Dia Europeu da Música nas Escolas, inscreveram-se ainda 59 escolas e instituições portuguesas. A gravação do evento online e os vídeos enviados estão disponíveis na página da EAS:

AQUI

Até para o ano!



Reserve já na sua agenda

ENCONTRO NACIONAL APEM 2026

24 de outubro – presencial* (9h-18h)

Fundação Calouste Gulbenkian

21- 22 - 23 de outubro – online* (18h30-20h30)

Com chamada de comunicações para a parte online



*Muito em breve todas as informações disponíveis
- duas ações de formação de curta duração -*

**Ações de formação de curta duração de 6h*

I CANTAR MAIS



A Lua

O que é que [esta canção](#) do Cantar Mais tem a ver com Frank Sinatra, Beethoven ou Eugénia Melo e Castro? A lua, claro!

Tal como estes compositores e intérpretes que imortalizaram o astro noturno nas suas obras, também a “nossa Lua” convida as crianças a uma viagem poética de descoberta e de partilha de emoções. Nova, cheia, crescente ou minguante, ela é sempre magistral.

Demos “vozes” às palavras da escritora Isabel Lamas com a colaboração dos alunos do Conservatório de Mafra, orientados pela professora Ana Leonor Pereira, que interpretaram esta melodia *celestialmente*! E no final...

Agora à noite
Olho pro céu
Sorri-me ela
Sorrio-lhe eu...



Pesquisa Avançada

CANTAR MAIS

CANÇÕES

TRADICIONAIS

AUTOR

MUNDO

MÚSICA ANTIGA

FADO

LUSOFONIA

AUTOR

A LUA

A Canção

Ouvir, fazer e criar

Outros saberes

Ficha da canção

Download

Selecionar versão Vídeo | Áudio

Voz e acomp.

Acompanhamento

Melodia e acomp.

Videoclipe

A Lua

Música: M. Encarnação
Letra: Isabel Lamas
arr.: Pedro Nogueira

Letra

Pauta

A Lua

Subi ao céu
Sem ninguém ver
E trouxe a Lua
Para a esconder
Queria guardá-la
Só para mim
Dar-lhe mimos
Beijos sem fim

Olhei pra ela
Estava a chorar
E então fui pó-la
No seu lugar
Agora à noite
Olho pro céu
Sorri-me ela
Sorrio-lhe eu.

TAGS

lua

CANTAR MAIS

Notas sobre Voz – *Mitos da Pedagogia Vocal I*



Refiro-me a “mitos da pedagogia vocal” no sentido de narrativas baseadas na experiência empírica, construídas e transmitidas sucessivamente por gerações de professores-alunos, com o intuito de explicar fenómenos vocais, ou de induzir gestos vocais, carecendo de comprovação factual ou fundamentação científica. Como relativamente a todos os mitos, também na pedagogia vocal compreendemos as suas

origens e as suas razões de ser, mas urge discutir até que ponto estes devem, ou não, conduzir as práticas pedagógicas atuais. Irei, pois, abordar diversos mitos que analisarei e desconstruirei.

Primeiro mito: “Colocar o som na máscara”.

Esta expressão diz respeito à ideia de que o cantor deve dirigir o som para a frente, de modo a sentir vibração nos ossos da cara. A sensação propriocetiva da vibração na cabeça é uma importante ferramenta de autocontrolo da eficácia ressonancial sobretudo em espaços de pobre qualidade acústica. No entanto, o cantor não

consegue, nem pode, “colocar” o som, uma vez que o ar em movimento proveniente da glote vem aproximadamente a 343 m/s (velocidade do som), o que significa aproximadamente 1234 km/h. É demasiado rápido para que ele o possa “colocar”. Tem, no entanto, alguma capacidade (pouca) de dirigir o som, abrindo ou fechando válvulas. A única válvula à sua disposição, da glote para cima (excetuando a epiglote que não pode estar fechada quando há fonação), é a realizada pelo palato mole: quando acoplado à parede da faringe, obriga a que o som vá para a boca, quando aberto deixa o som viajar até à nasofaringe. A ressonância nasofaríngea é fundamental para a projeção do som desejada pelo cantor lírico, o que significa que, maioritariamente, na música erudita, não há acoplagem total do palato mole em relação à faringe e que, portanto, a direção do som é, na maior parte do tempo na vertical, e não na diagonal para o nariz. Se há alguma nasalidade no som projetado clássico (devido à ressonância nasofaríngea), não significa que o som saia pelo nariz, nesse caso o som seria nasal e considerado desagradável na estética ocidental. Na verdade, o som acaba por sair maioritariamente pela boca.

O “colocar o som na máscara” assentava, ainda, na crença de que o som tinha como ressoador importante os seios perinasais. Ora, sabe-se, hoje, que os seios perinasais vibram residualmente, mas não são ressoadores reais do som proveniente da laringe.¹ Não se pode confundir a ilusão da colocação do som com a sensação propriocetiva da vibração do som na cabeça.

No próximo *Notas sobre Voz* continuarei a elencar os mitos em torno da voz. Estejam atentos!

[1] Vennard, W. (1967). *Singing – the mechanism and the technic*. New York: Carl Fisher.
Titze, I. (2001). Acoustic interpretation of resonant voice. *Journal of Voice*, 15(4), 519-528.

I JÁ CONHECE?

“**RESONANCES** - Ressonâncias da interculturalidade entre professores de música: impactos nas práticas e métodos de ensino”

Publicado recentemente, o relatório **RESONANCES – Ressonâncias da Interculturalidade entre Professores de Música**, é o resultado de um projeto internacional de investigação desenvolvido pela Haute école de musique de Genève e pelo INET-md Instituto de Etnomusicologia – Centro de Estudos em Música e Dança (INET-md) da Universidade Nova de Lisboa que contou com a equipa de investigadores, Ricardo Castro (coordenador do projeto), Alix Didier Sarrouy (investigador, coordenador científico) e Maria Peres (MS, assistente de investigação).

O estudo analisa o impacto de intercâmbios pedagógicos entre professores de música em diferentes contextos culturais, envolvendo programas como a AIM - Academy for Impact through Music, o NEOJIBA- Núcleos Estaduais de Orquestras Juvenis e Infantis da Bahia (Brasil) e a HEM- Haute école de musique de Genève (Suíça), procurando-se compreender como estas experiências influenciam práticas de ensino, metodologias e conceções pedagógicas. Os resultados mostram como o encontro entre culturas pode gerar novas formas de pensar e ensinar música, incentivando práticas mais inclusivas, colaborativas e socialmente conscientes.

Mais do que um relatório de investigação, RESONANCES constitui um convite à reflexão sobre o papel da música na educação num mundo marcado pela diversidade cultural e pelos desafios sociais contemporâneos. Acesso livre: [AQUI](#)



Também a não perder e conhecer obrigatoriamente a revista — **Music & Arts in Action**

Alix Didier Sarrouy & Chrysi Kyratsou (co-editorxs) convidam-nos a explorar o Vol. 9 No. 1 (2025): *Thematic Issue: Music Education Among Refugee and Migrant Youths: Sharing, Belonging, Including*, aguardando com interesse as discussões que poderão suscitar.

Vol. 9 N.º 1 (2025) completo online (Acesso Aberto)



[AQUI](#)

RELEITURAS

por Nuno Bettencourt Mendes



Para uma Música na Educação para Todos em Portugal

Um diagnóstico que interpela

De acordo com dados recentes, cerca de 1.350.000 crianças e jovens frequentam atualmente a escolaridade obrigatória em Portugal, a que se somam aproximadamente 270.000 crianças no ensino pré-escolar.¹ Apesar desta dimensão populacional expressiva, o acesso efetivo à educação musical no sistema educativo permanece extremamente limitado.

No ensino geral, apenas no 2.º ciclo do ensino básico — o mais curto da escolaridade obrigatória — todos os alunos têm educação musical. No 1.º ciclo, a presença da música depende frequentemente de iniciativas locais ou das chamadas Atividades de Enriquecimento Curricular, muitas vezes sem continuidade consistente. No 3.º ciclo, a disciplina surge apenas como opção e é oferecida em poucos agrupamentos. No ensino secundário, a música desaparece totalmente da formação geral.

Consequentemente, pouco mais de **15% dos alunos** têm acesso anual a uma **aprendizagem musical geral** formalmente estruturada.

Perante esta lacuna formativa, muitas famílias procuram alternativas: atividades informais pagas, a participação em mais de 750 bandas filarmónicas, ou a frequência do ensino artístico especializado da música. Este último, apesar de ter crescido significativamente nas últimas duas décadas, continua a abranger apenas cerca de 1,8% das crianças e jovens. Este número corresponde aproximadamente a 2,5% dos alunos do ensino básico e a apenas 0,2% dos alunos do ensino secundário, sendo que uma parte significativa destes últimos frequenta o regime supletivo.

O conhecido fenómeno da desistência maciça no final do 9.º ano revela bem algumas fragilidades estruturais do modelo atual. Para muitos alunos, o ensino artístico especializado surge como única via para uma formação musical consistente, devido à escassez de oferta no ensino geral. Contudo, a forte centralidade da formação instrumental na tradição da música clássica, associada a percur-

[1] Dados globais disponíveis na PORDATA, com última atualização em 8 de outubro de 2025.

RELEITURAS

por Nuno Bettencourt Mendes

Para uma Música na Educação para Todos em Portugal

sos curriculares relativamente pouco diversificados, faz com que muitos jovens não encontrem continuidade para interesses musicais mais amplos.

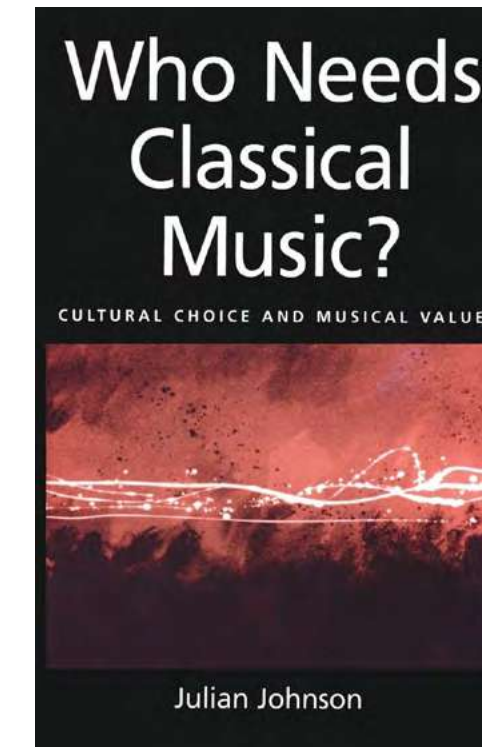
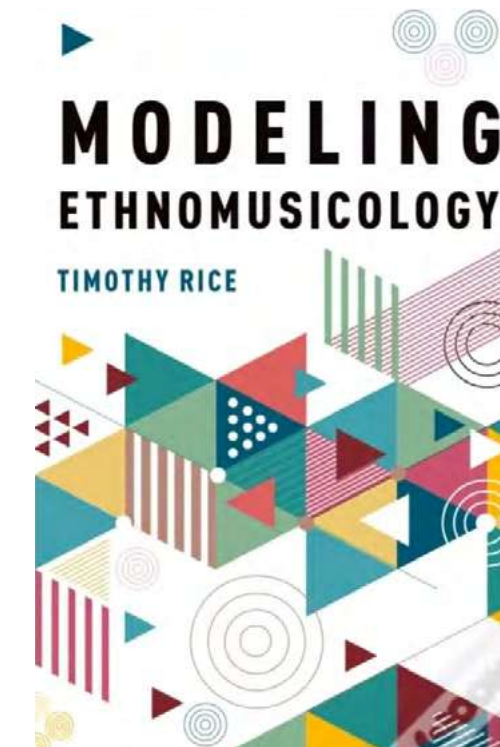
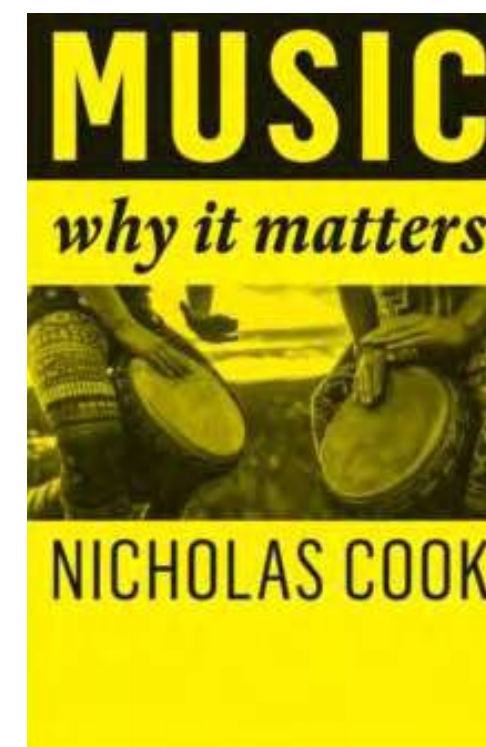
Assim, o problema não reside apenas na reduzida abrangência do ensino musical em Portugal. Ele reside também na necessidade urgente de repensar os equilíbrios e as complementaridades entre educação musical geral e ensino artístico especializado, de modo que ambos deixem de funcionar como esferas parcialmente desconectadas e passem a constituir partes coerentes de um mesmo ecossistema educativo.

Ampliar o horizonte da reflexão

Ao refletirmos sobre estas questões, pode ser útil recorrer, de forma complementar, a contributos vindos de diferentes áreas das ciências musicais. Não porque a pedagogia musical não tenha desenvolvido já um pensamento profundo sobre estas matérias, mas porque o diálogo com outras perspetivas pode ajudar a iluminar dimensões mais amplas da experiência musical.

Nesse sentido, reler autores como Nicholas Cook, Timothy Rice e Julian Johnson oferece pistas particularmente sugestivas.

Nicholas Cook recorda que o mundo contemporâneo é caracterizado por um pluralismo musical intenso. Diferentes tradições — clássica, popular, tradicional, jazz, entre muitas outras — coexistem hoje no espaço social e mediático quotidiano. Contudo, as formas institucionais de pensar a música continuam muitas vezes ancoradas em modelos herdados



da Europa do século XIX. Este desfasamento entre a diversidade real das práticas musicais e os quadros conceptuais através dos quais tendemos a compreendê-las pode tornar mais difícil estabelecer pontes entre a experiência musical vivida e a forma como a música é ensinada e pensada.

Para Cook, a música não é apenas um objeto estético, mas uma forma de compreender o mundo e de construir identidades. As pessoas pensam através da música, expressam-se através dela e encontram nela modos de reconhecer quem são. Reconhecer esta dimensão cultural e social da música implica aceitar a pluralidade das suas manifestações.

Timothy Rice, por sua vez, relembra-nos particularmente uma área iluminadora da etnomusicologia: o estudo de porque e de como os seres humanos são musicais. Neste contexto, “musical” não significa possuir talento excecional, mas participar numa capacidade humana universal de criar, interpretar, organizar cognitivamente e atribuir significado a sons. A etnomusicologia procura compreender esta dimensão humana estudando a música em toda a sua diversidade cultural e histórica. Para Rice, observar como diferentes sociedades fazem música permite compreender melhor a própria natureza da experiência humana, pois a musicalidade revela-se tão fundamental quanto a linguagem para a vida cultural das comunidades.

RELEITURAS

por Nuno Bettencourt Mendes

Para uma Música na Educação para Todos em Portugal

Já Julian Johnson chama a atenção para um outro aspeto frequentemente simplificado nos debates culturais contemporâneos. Embora a distinção rígida entre “alta” e “baixa” cultura tenha sido justamente questionada, Johnson lembra que a música clássica possui características específicas enquanto forma artística historicamente rica. A sua escuta pode abrir um espaço de experiência estética que transporta o ouvinte para um universo particularmente intenso e denso de significados, emoções e referências culturais. Mais do que simples entretenimento, muitas obras do repertório clássico convidam a entrar num mundo de valores estéticos e de reflexão sensível que atravessa séculos de história cultural europeia.

Lidos em conjunto, estes autores sugerem três ideias particularmente fecundas para pensar a educação musical contemporânea: a necessidade de reconhecer o pluralismo das práticas musicais (Cook), a importância de compreender a musicalidade como dimensão constitutiva da humanidade (Rice) e o valor singular que a tradição da música erudita continua a oferecer enquanto experiência estética profunda (Johnson).

Diversidade musical e património cultural

Estas perspetivas convergem numa ideia central: uma educação musical relevante deve reconhecer simultaneamente a diversidade das práticas musicais contemporâneas e a importância do património histórico da música erudita.

Num país plural e multicultural como Portugal, uma educação musical para todos deve promover aquilo que poderíamos designar como multimusicalidade informada. Isso implica valorizar repertórios tradicionais portugueses, músicas de diferentes regiões do mundo e práticas contemporâneas presentes no quotidiano dos jovens.



Contudo, essa abertura não deve conduzir à secundarização da música clássica. Para além do seu valor histórico e artístico, o repertório erudito constitui uma das grandes expressões culturais do humanismo europeu, oferecendo formas singulares de experiência estética e de reflexão sobre o tempo, a memória e a condição humana.

Repensar o ensino artístico especializado

Neste contexto, importa também refletir sobre o próprio ensino artístico especializado da música.

As academias e conservatórios têm desempenhado um papel fundamental na preservação e transmissão da tradição erudita, formando intérpretes de grande qualidade e contribuindo para a vitalidade cultural do país. Todavia, a realidade social e musical contemporânea coloca novos desafios.

Sem comprometer a preservação dinâmica do repertório clássico, poderá ser desejável diversificar progressivamente os currículos, abrindo espaço a outros repertórios e práticas musicais que dialoguem com os interesses e experiências culturais dos alunos. Tal diversificação poderá contribuir para reduzir o abandono precoce e para tornar os percursos formativos mais flexíveis e inclusivos.

Princípios pedagógicos essenciais

Uma educação musical abrangente deve assentar em alguns princípios pedagógicos fundamentais.

Em primeiro lugar, o canto deve ocupar uma posição central. A voz é o instrumento mais acessível e universal, permitindo desenvolver expressividade, escuta, cooperação e confiança. O canto coletivo, em particular, possui um enorme potencial para fortalecer comunidades.

Em segundo lugar, a aprendizagem musical deve integrar diferentes dimensões da experiência musical: escutar, interpretar, improvisar, criar e apreciar.

RELEITURAS

por Nuno Bettencourt Mendes

Para uma Música na Educação para Todos em Portugal

Estas práticas não devem ser encaradas como domínios separados, mas como processos interligados que enriquecem mutuamente a sensibilidade e compreensão musical.

Em terceiro lugar, importa promover acesso e inclusão, assegurando que todos os alunos possam encontrar na música espaços de identificação cultural e participação criativa.

Formação docente e novos desafios

Tudo isto coloca desafios significativos aos próprios professores de música. A crescente diversidade cultural das turmas e a multiplicidade de repertórios presentes no quotidiano dos alunos podem, por vezes, retirar os docentes da zona de conforto construída durante a sua formação inicial.

Muitos professores receberam uma preparação pedagógica e musical centrada num conjunto relativamente restrito de repertórios e metodologias. Perante uma realidade educativa mais heterogénea e multicultural, torna-se particularmente importante investir em formação contínua, capaz de apoiar os docentes na exploração de novos recursos didáticos, tecnológicos e musicais.

Trata-se, em muitos casos, não apenas de adquirir novas ferramentas pedagógicas, mas também de reconstruir gradualmente a própria confiança profissional diante de universos musicais mais amplos e diversificados.



Felizmente, várias instituições e associações profissionais, entre as quais a APEM, têm vindo a desenvolver iniciativas nesse sentido, contribuindo para ampliar o repertório pedagógico disponível.

Um horizonte possível

Pensar uma educação musical para todos em Portugal exige, portanto, um esforço coletivo de imaginação pedagógica e de vontade política. Não se trata apenas de aumentar o número de horas de música na escola, mas de reconhecer plenamente o lugar que a experiência musical pode ocupar na formação humana e repensar o seu lugar na formação das novas gerações.

Uma educação musical verdadeiramente inclusiva deve permitir que todas as crianças tenham oportunidade de cantar, tocar, criar, escutar e apreciar/compreender música ao longo da sua escolaridade, explorando repertórios diversos e desenvolvendo uma relação viva com o património musical.

Como sugerem, a partir de perspetivas diferentes, Cook, Rice e Johnson, a música não é um simples adorno cultural nem um complemento ornamental da educação e formação humanística. Ela constitui uma das formas fundamentais através das quais os seres humanos constroem significado, identidade e comunidade. Reconhecer plenamente esse facto pode ser um passo decisivo para enriquecer não apenas o ensino da música, mas a própria ideia de educação em Portugal.

Bibliografia:

Cook, Nicholas. 2021. Music: a Very Short Introduction. OUP.

_____. 2023. Music: Why It Matters. Polity.

Johnson, Julian. 2011. Who Needs Classical Music? Cultural Choice and Music Value. OUP.

Rice, Timothy. 2017. Modeling Ethnomusicology. OUP.



ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE EDUCAÇÃO MUSICAL

Praça António Baião n.º5 B – Loja
1500-712 LISBOA

(+351) 217 780 629
(+351) 932 142 122
info@apem.org.pt
 apem.educacaomusical

info@cantarmais.pt
 CantarMais

FICHA TÉCNICA

Conceção e edição:
Direção da APEM

Colaboram neste número:
Manuela Encarnação (Coord.)
Ana Leonor Pereira
Carlos Batalha
Gilberto Costa
Lina Trindade Santos
Nuno Bettencourt Mendes

Montagem gráfica:
Rita R. Andrade

Março • 2026

E se a próxima canção nascer na sua sala de aula?

Canção à espera de palavras

6.º Concurso de Escrita para Canções



Todo o apoio: **AQUI**

Prazo limite para participação no concurso até 24 de abril de 2026